

**PROPOSTA DE ELABORAÇÃO DE UM DICIONÁRIO
DE VERBOS ÁRABE-PORTUGUÊS**

Elias Mendes Gomes (USP)
eligomes@usp.br

INTRODUÇÃO

A linguagem – o principal veículo através do qual os seres humanos se comunicam – sempre encantou e mistificou a humanidade. Devido a isso, teorias, hipóteses e especulações sobre a sua origem e desenvolvimento se remontam à milhares de anos. A primeira tentativa de sistematizá-la deve-se aos filósofos gregos que especularam sobre sua origem e o relacionamento entre os diferentes objetos e seus nomes. Depois disso, eles começaram a discutir as regras que governam a linguagem, isto é, a gramática. E, finalmente, no século III a. C., eles começaram a codificar as palavras de acordo com as diferentes partes do discurso e a cunhar denominações para as diferentes formas de verbos e substantivos. A lexicografia, entretanto, nunca foi uma área de especial interesse para os gregos (LONGYEAR, 2000).

Os romanos, entretanto, com a expansão do império, reconheceram a importância dessa ciência e, ainda no primeiro século D.C., compilaram e circularam a obra *De Verborum Significatu* (O significado das palavras), que é referência em termos de antiguidade e gramática latina. Por séculos a língua latina prevaleceu no mundo ocidental, mesmo depois da queda do império, sustentada pela liturgia cristã. Somente durante a Renascença foi que as línguas modernas derivadas do latim tiveram seus primeiros dicionários: primeiramente o italiano com o *Vocabulario degli Accademici della Crusca* (1612), depois o francês com o *Dictionnaire de l'Académie Française* (1694), e finalmente o espanhol com o *Diccionario de la lengua española*, publicado entre 1726 e 1736 pela Real Academia Española. (BIDERMAN, 1984).

A lexicografia árabe antecede em muito a essas obras. Historicamente, a rica língua árabe – com a poesia altamente desenvolvida na época da *Ja:hili:ya* (a era pertencente ao período pré-islâmico) – sempre teve seu indiscutível lugar na Península Arábica, mas foi so-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

mente com o advento e expansão do Islamismo que ela ganhou a projeção que a levou para além de suas fronteiras linguísticas históricas.

Eposito (1999) e Versteegh (1997) atestam que o papel preponderante que a língua árabe desempenhava na recém-criada liturgia islâmica, bem como o domínio político da nação árabe nos territórios conquistados, requeriam uma inadiável estruturação linguística. Respondendo à essa necessidade o filólogo Khalil Ibn-Ahmad (ca.718-791), procedente da província onde se encontra o moderno Sultanato de Oman, compilou o inteiro vocabulário árabe em uma única obra, o *Kitāb al-Ayn* (o livro [da letra] [°]ayn). Khalil Ibn-Ahmad também fundou a primeira escola de filologia do mundo árabe, onde seus discípulos analisaram a língua e fixaram a gramática árabe. Com o passar do tempo, outras escolas foram originadas (frequentemente antagonistas entre si), mas seus alvos eram sempre o de preservar a língua árabe como revelada no Alcorão (o sagrado livro islâmico).

A tarefa dessas escolas tem sido perpetuada pelas modernas academias de língua e mostra quão importante é a língua árabe para seus falantes. Nydell (2002, p. 115) atesta que “enquanto a maioria dos ocidentais sente afeto por suas línguas maternas, o orgulho e amor que os árabes nutrem por sua língua é muito mais intenso. A língua árabe é o seu maior tesouro cultural.”

Como no passado, a língua árabe continua a despertar o interesse do mundo ocidental. Outrora devido a conquista político-religiosa, atualmente em virtude de seu rico legado cultural e, mais recentemente, em consequência de sua associação com o terrorismo. Duian (2001) e Mahmoud (2004) asseguram que o interesse pela apreensão do árabe tem crescido paulatinamente desde o atentado ao *World Trade Center* em setembro/2001. Várias pessoas percebem a aprendizagem da língua e cultura árabe como um nicho do mercado de trabalho que tem sido pouco explorado. Essas pessoas, potencialmente, estarão trabalhando como tradutores e consultores culturais. O entendimento da língua e cultura provê as ferramentas que minimizarão o ruído na comunicação que limita a interação entre o ocidente e os possíveis parceiros das ricas nações árabes.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

O fator “religião” continua mantendo um papel preponderante na aquisição linguística do árabe, já que o conhecimento da língua árabe é imprescindível para a boa apreensão do significado do Alcorão e para a performance dos rituais litúrgicos do islamismo. Entretanto, pouco foi feito para facilitar a sua aprendizagem, especialmente entre os lusófonos. Aqueles atributos que, *a priori*, atraem as pessoas para a sua aprendizagem, isto é, sua característica mística e ritualista, e a sua rica herança linguística, cultural e religiosa de muitos séculos, tendem a lhes repelirem com o passar do tempo. A grafia peculiar do idioma, sua natureza diglósica, a riqueza vernacular e a falta de materiais paradidáticos inibem e desmotivam o aprendiz.

Das dificuldades acima apresentadas, esta pesquisa está particularmente preocupada com a falta de apoio didático para a aprendizagem e o aprofundamento no conhecimento linguístico que, via de regra, se adquire com a leitura no idioma almejado; por isso esta pesquisa propõe a elaboração de um dicionário bilíngue de verbos árabe-português.

1. Estudo da nomenclatura apresentada no título da pesquisa

1.1. Língua árabe

O problema se avoluma quando se é indagado a que “língua árabe” está-se referindo. A amplitude do idioma e os seus âmbitos de usagem levaram a uma estratificação do idioma resultando em uma diglossia. Vários antigos conceitos estadísticos, filosóficos, poéticos e religiosos foram preservados e fazem parte de um universo arcaico, mas ainda utilizado, principalmente na arena religiosa islâmica. Essa variedade é conhecida como o *árabe clássico* (a linguagem perpetuada pelo Alcorão) e nunca é utilizada nas conversações do dia-a-dia, não sendo a língua materna de nenhuma das nações árabes. Entretanto, ela é aprendida formalmente e usada por estudiosos religiosos nos debates de assuntos concernentes à fé. Essa variedade é símbolo de prestígio, erudição e conhecimento teológico (HUDSON, 1980).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Esse código “H”⁴⁶ também engloba a variedade *árabe padrão moderno* que é uma forma modernizada do árabe clássico e é menos complexa do que a variedade clássica no que se refere à sintaxe, morfologia e semântica. Ela é entendida, se não falada, pela maioria dos árabes. O *árabe padrão moderno* é usado em situações de locuções formais, tais como palestras, noticiários e discursos e, na forma escrita, em correspondências oficiais, literatura e jornais. Essa variedade é aprendida por meio do sistema educacional formal, e serve como a “língua franca” entre todos os países árabes. O *árabe padrão moderno* é de caráter conservativo e tende a criar e agregar neologismos ao seu banco de vocabulário partindo de combinações já existentes no árabe clássico, embora vários lexemas tenham sido emprestados de outros idiomas.

A outra parte nessa diglossia é o *árabe dialetal*, ou o código “L”. Esta vertente varia de país a país e de região para região e é usada em todas as situações não formais do dia-a-dia, não obedecendo, necessariamente, às regras gramaticais do *clássico* ou do *padrão moderno*, embora siga uma convenção própria e reconhecida. Essencialmente, esses dialetos são utilizados somente na versão oral, mas, algumas vezes, são reduzidos à escrita, particularmente na poesia, em caricaturas de periódicos e em certos diálogos incluídos em romances contemporâneos.

Devido ao escopo do árabe padrão moderno e por ser esta a vertente mais usada no ensino de árabe para estrangeiros, dar-se-á preferência, neste trabalho, a essa variante. Como mencionado acima, essa variedade é a encontrada em todos os materiais escritos que vão desde jornais e revistas até romances e livros didáticos. Essa forma é também empregada oralmente em todos os meios de comunicação. A morfologia e sintaxe do árabe padrão moderno são essencialmente as mesmas em todos os países árabes, do Marrocos ao Iraque. As poucas diferenças lexicais são restritas a apenas algumas áreas especializadas, ajudando a manter, como no passado, a unidade

⁴⁶ William Marçais, em 1930, definiu a situação de diglossia nas comunidades árabes, mas foi Ferguson (1964), que posteriormente definiu esse fenômeno. Ferguson atribui às duas variedades as denominações H (H[igh]), como sendo a variedade elevada, identificando as vertentes *clássica* e *padrão* como pertencentes à essa categoria) e L (L[ow]), como sendo a variedade “baixa”, identificando com ela os dialetos regionais).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

linguística do mundo árabe. Este fato dá a todos os descendentes árabes um senso de identidade e uma consciência de sua herança cultural comum.

1.2. Verbos

Essa discussão leva ao questionamento de outro fator importante: a razão da escolha de verbos como o corpus do léxico. Tradicionalmente, os gramáticos árabes dividiram a língua em três partes: substantivo, verbo e partículas (que incluem os advérbios, preposições, pronomes, etc.). Ainda nos séculos VII e VIII d. C., duas escolas filológicas, Basra e Kufa – ambas no atual Iraque – surgiram para explicar o funcionamento do árabe e preservar sua estrutura e coesão lexical, uma vez que o contato com as demais nações através da conquista islâmica tinha comprometido a pureza da língua do Alcorão.

A Escola de Kufa, tendo como fundamento o aspecto morfológico da língua, posicionou-se advogando que o verbo era a mola propulsora do léxico árabe (ALAMRANI-JAMAL, 1983). Esse parecer tem sido aceito por muitos orientistas e arabistas no decorrer da história. Quando as línguas do tronco camito-semítico (da qual o árabe faz parte) são estudadas, percebe-se que uma de suas marcas distintivas é a maneira pela qual os vocábulos são formados. Trata-se do sistema de derivação analógico. Embora, na língua árabe nem todas as palavras possam ser rastreadas a uma raiz verbal, a maioria de seus lexemas deriva-se de um verbo simples que designa uma expressão escrita constituída de três letras destinada a representar uma ideia (COWAN, 2006). Essa combinação de grafemas traz em seu bojo uma noção específica. Assim, a composição /k-s-r/ representa a ideia de “quebrar”, enquanto que /d-r-s/ exprime o conceito de “estudar”, e /q-w-l/ o de “falar”, e assim por diante.

Prefixos, sufixos e mudanças internas (tanto por acréscimos como em supressões) inseridos à essa raiz dão origem a novos termos (sejam eles verbos ou substantivos) relacionados a ideia principal. A título de ilustração tome-se, por exemplo, o radical /k-t-b/ que denota a ideia de escrever. Em sua forma mais simples o trigrama KaTaBa significa “ele escreveu”. Por convenção essa estrutura é u-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

sada como a forma canônica (não marcada) do verbo, que equivale ao infinitivo nas línguas do tronco indo-europeu.

Convencionou-se, entre os orientistas, listar as modificações ocorridas no radical do verbo com numerais romanos. Essa mudança dá novo significado aos verbos. /K-T-B/ é usado nas formas I, II, III, IV, VI, VII, VIII e X. Algumas dessas formas conservam o mesmo significado, mas, por exemplo, as formas III /Ka:TaBa/ e VI /taKa:TaBa/ significam “corresponder”, enquanto que as formas IV /‘aK-TaBa/ e X /astaK-TaBa/ significam “ditar”.

O paradigma para transformar o verbo em substantivo é o seguinte: Ao acrescentar-se um “m” ao trígama /maK-TaB/, obtém-se “escritório” ou “escrivãzinha”, ou seja, o local onde se escreve. /Ki-Ta:B/ refere-se a um livro, enquanto que /maK-TaBa/ representa a ideia de biblioteca, ou o lugar onde os escritos são armazenados. /Ka:TiB/ é aquele que realiza a ação de escrever, ou escritor, escriturário – enquanto que /maK-Tu:B/ é a obra produzida, ou seja, o “escrito”, “carta”. Uma segunda aceção a essa palavra traz a ideia de destino, aquilo que foi escrito/decretado (por Deus) para alguém. Em sua forma de verbal (árabe *maṣḍar* - o primeiro substantivo derivado da forma verbal), /Ki-Ta:Ba/ refere-se à escrita em si.

A maioria das raízes árabes tem padrões derivacionais semelhantes. Os princípios e regras da língua árabe foram delineados pelos antigos gramáticos árabes que formularam suas hipóteses da gramática árabe baseados essencialmente em noções matemáticas e, firmados em observação, comparação e generalização dos paradigmas, eles desenvolveram o conceito de /*qiyas*/ (molde, paradigma) da derivação. Por analogia, potencialmente quase toda raiz verbal pode originar novas palavras se forem seguida a estrutura descrita acima (EL-MOULOUDI, 1986). Esse processo é conhecido em árabe como /*ichtiqa:q*/, ou seja, derivação analógica (EL-KHAFIFI, 1985; ARYAM, 2001; TARAZI, 2005), que é o método usado para a formação lexical em árabe. Toda raiz árabe tem em seu âmbito o mesmo potencial para derivação e geração de novos vocábulos. Dessa maneira, poderia-se dizer que a capacidade para expansão de vocabulário é virtualmente ilimitada.

Al-Qahtani (2000) ilustra esse processo com o seguinte exemplo: /maK-TaB/ “escritório, ou lugar onde se escreve”; /maQRa’/

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

“lugar onde se lê”. Nota-se que o vocábulo /maqra’/ não existe oficialmente em árabe, mas, se houvesse a necessidade, a denominação poderia ser cunhada. Esse é o método mais usado pelas academias de língua árabe para a inserção de neologismos ao léxico.

Assim, um dicionário de verbos poderia, potencialmente, cobrir uma ampla extensão do vocabulário árabe, já que, uma vez que o estudante esteja familiarizado com a convenção e os paradigmas árabes, ele poderia deduzir/descobrir o significado de palavras que não fossem verbos, mas que se derivam de um, simplesmente por consultar o radical do vocábulo.

O levantamento do corpus verbal será essencialmente extralexiconográfico, baseado primordialmente no trabalho de Jacob Landau (1959) “*A word count of modern Arabic prose*”. A aclamada recepção entre os orientalistas desta obra corrobora essa escolha. Essa lista, desenvolvida segundo os parâmetros da lexicometria, foi retirada de um corpus literário egípcio, contendo 60 livros de diferentes gêneros: ensaio, biografia, criticismo literário, romance, filosofia popular, livro de viagens, história islâmica e estudos sociais. Foram inventariados 11.284 vocábulos.

2. Aspectos técnicos

Como mencionado acima, procurar-se-á seguir os pressupostos teórico dos antigos gramáticos árabes, particularmente aqueles associados à Escola Filológica de Kufa, que via na raiz verbal a gênese do léxico árabe. Duran & Xatara (2007), no artigo *Critérios para Categorização de Dicionários Bilíngues*, postulam que há alguns critérios essenciais para a categorização de dicionários sejam eles bilíngues ou monolíngues: alvo geral do dicionário, público alvo, extensão, seleção e forma de organização da nomenclatura. Os dicionários bilíngues, entretanto, devem responder a mais três outros critérios: funcionalidade, reciprocidade e direcionalidade. Abaixo, esses conceitos são aplicados ao projeto do “*Dicionário de verbos árabe-português*” seguindo o paradigma sugerido pelas autoras:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

2.1. Alvo Geral

Dicionário bilíngue para ser usado como ferramenta paradigmática na aquisição e consolidação línguística.

2.2. Delimitação do Público alvo

1) Estudantes de árabe:

- Aprendizes (básico, intermediário, avançado)
- Faixa etária: adulta

2) Falantes nativos do árabe.

2.3. Extensão e seleção

Esse dicionário pretende abarcar os verbos mais frequentes em uso na linguagem contemporânea. O supramencionado *A word count of modern Arabic prose* proverá a maioria dos lemas, mas reconhece-se que uma complementação vocabular poderá vir de outras fontes.

2.4. Forma de organização da nomenclatura

A entrada de verbetes no corpus seguirá a norma lexicográfica árabe contemporânea, onde os lexemas serão listados de acordo com seus radicais primários (trilíteres ou quadrilíteres), e não como em numerosos dicionários para estrangeiros onde os verbetes são listados de acordo com as declinações de suas formas verbais (I a X). É de opinião do pesquisador que as metodologias lineares latinas não são apropriadas para representar o sistema trilítere árabe, e que é melhor se ater a um sistema de organização lexicográfica onde os verbetes são organizados com base em seu radical.

Levando em consideração o público alvo do dicionário, a micro-estrutura do verbete deverá facilitar a tarefa do estudante de árabe de perceber as nuances nos significados dos verbos árabes, especialmente quando estes são seguidos por preposição. Cada verbete terá um tratamento tentativamente exaustivo, fornecendo ao consu-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

lente diferentes equivalências em português à raiz verbal em questão (parassinônimos). A fim de manter-se fiel ao propósito de registrar os verbetes que fazem parte da linguagem atual, procurar-se-á aboná-los com exemplos reais, retirados do banco de dados da Brigham Young University – “ArabiCorpus”. Esses corpora têm aproximadamente 90.000.000 palavras/ocorrências advindas de livros escolares, literatura moderna, romances e corpus jornalísticos, cobrindo uma vasta área no mundo árabe: Arabia Saudita, Argélia, Egito, Kuwait, Líbano, Marrocos, Palestina, Síria e Sudão.

2.5. Funcionalidade

São duas as funções fundamentais de um dicionário bilíngue:

- apoio à codificação
 - ↔ direção língua materna → língua estrangeira
- apoio à decodificação
 - ↔ direção língua estrangeira → língua materna

O dicionário proposto se qualifica como bifuncional, uma vez que atenderá às duas funções simultaneamente: Servirá de apoio à codificação para os arabiófonos, e como apoio à decodificação para os lusófonos.

2.6. Reciprocidade

Esse critério remete à língua materna do público alvo:

- Dicionário bilíngue recíproco: se destina tanto ao público-alvo falante da língua-fonte quanto ao público-alvo falante da língua-alvo.
- Dicionário não recíproco: se destina ao público-alvo de apenas uma das línguas contempladas.

O dicionário proposto é considerado recíproco, já que se destina tanto aos falantes da língua-fonte quanto os da língua alvo. Enquanto um público utiliza as informações para decodificar, o outro as utiliza para codificar.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

2.7. Direcionalidade

O critério de direcionalidade permite duas ocorrências: Considerando A e B como línguas envolvidas, o dicionário bilíngue monodirecional apresentaria apenas uma direção possível: AB ou BA. O dicionário bilíngue bidirecional apresentaria ambas as direções: AB e BA.

O dicionário proposto é monodirecional: Árabe – Português

3. Considerações finais

O interesse que a língua árabe tem despertado no mundo em geral e no Brasil em particular, justifica a elaboração de materiais de apoio à sua aprendizagem. Esta pesquisa procurou apresentar aspectos considerados importantes para a produção de uma ferramenta importante para essa aquisição linguística, o dicionário monodirecional de verbos árabe-português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-QAHTANI, S. *Arabization in written discourse in Saudi Arabia*. 2000, 247 f. Tese de doutoramento, Ball State University, Muncie/ID, 2000.

DURAN, M. & XATARA, C. Critérios para categorização de dicionários bilíngues. In.: ALVES, I. M. & ISQUIERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. III. Campo Grande: UFMS, 2007.

ARYAN, R. *Arabic roots*. Dissertação (Mestrado - Teaching English as a Second Language) – California State University Dominguez Hills, Dominguez Hills -CA, 2001. 35 f.

BIDERMAN, M. T. C. *A ciência da lexicografia*. São Paulo: Alfa, 1984.

COWAN, D. *Gramática do árabe moderno*. São Paulo: Globo, 2006.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

DUIN, J. Sudden Surge in Interest in near East: Americans Are Enrolling in Courses on Islam, Arabic and International Relations. *Insight on the News*. Vol. 17, n. 46, p. 28, 10 dez. 2001.

ELAMRANI-JAMAL, A. *Logique aristotélicienne et grammaire arabe* (Études et Documents). Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. 1983.

EL-KHAFIFI, H. M. *The role of the Cairo academy in coining arabic scientific terminology: an historical and linguistic evaluation*. Tese de doutoramento (Middle East Studies) – University of Utah Graduate School, Utah, 1985. 215 p.

EL-MOULOUDI, A. *Arabic language planning: The case of lexical modernization*. Tese de doutoramento (Linguística) – Graduate School, Georgetown University. Washington - D.C., 1986. 321 f.

ESPOSITO, J. *The Oxford history of Islam*. New York: Oxford University Press, 1999.

HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

LANDAU, J. M. *A word count of Modern Arabic Prose*. New York, NY: American Council of Learned Societies, 1959.

LONGYEAR, C. Linguistics. **In:** MICROSOFT CORPORATION, *Microsoft® Encarta® Encyclopedia*. Version 9.0.0.0702. Redmond, WA: Microsoft. 2000.

NYDELL, M. K. *Understanding Arabs: A guide to westerners*. Revised Version. Boston: Intercultural Press, 2002.

MAHMOOD, H. Breaking Barrier of Arabic Language after 9/11 and U.S. Involvement in Afghanistan and Iraq, Suburban Classes in Arabic Are Taking Off. *Daily Herald*. 05 ago. 2004.

TARAZĪ, F. *Al-ichtiqāq*. Beirut: Librairie du Liban Publishers, 2005.

VERSTEEGH, K. *Landmarks in linguistic thought III: The arabic linguistic tradition*. London: Routledge, 1997.